

Érica Aline de Castro
Fabiane Freire França
Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar a relação entre mídia, educação, gênero e sexualidade na perspectiva dos Estudos Culturais. Para tanto, problematiza-se: como elaborar formas de intervenção pedagógica com docentes utilizando mídias que abordem as questões de gênero e sexualidade? A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso e a pesquisa bibliográfica (GIL, 2008). No decorrer desta pesquisa foram exibidos dois curtas metragens: 1) Acorda Raimundo 2) Era uma vez uma família . Os vídeos foram exibidos em dois encontros com a participação de nove educadoras, sete professoras e duas funcionárias. Na sequência foram realizadas discussões e aplicação de dois questionários. O local das apresentações dos curtas foi em uma escola municipal da cidade de Campo Mourão em que as participantes trabalham, com a duração de 1 hora e 30 minutos. O interesse em trabalhar com professoras/es e funcionárias da instituição nasceu pela curiosidade de investigar como são suas representações sociais e individuais, e com isso ter um diálogo sobre suas opiniões e percepções das temáticas elencadas nos vídeos, com o intuito de repensar modos de trabalhar em sala de aula os temas em foco.

Palavras-chave: Educação; Sexualidade; Gênero; Mídia;

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve o intuito de investigar a relação entre mídia, educação, gênero e sexualidade na perspectiva dos Estudos Culturais, desse modo foi escolhida uma escola da cidade de Campo Mourão para a realização de encontros que abordavam, mídia, gênero e sexualidade, professores/as e funcionários/as da escola selecionada participaram e assim foi possível realizar algumas discussões acerca dos temas com o objetivo de investigar como são suas representações sociais e individuais, e com isso ter uma diálogo sobre suas opiniões e percepções das temáticas elencadas nos encontros, com o intuito de planejar outras formas de abordar e trabalhar em sala de aula a relação entre mídia, gênero e sexualidade.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Louro (2007) argumenta que muitos/as educadores/as defendem que sexualidade e gênero devem ficar fora da escola, por esse motivo surgiu o interesse em trabalhar com este tema em uma escola, com docentes e funcionárias, para fazer discussões e mostrar o quanto é necessários fazer essas discussões em sala de aula, levando em consideração que o tema gênero e sexualidade estão presentes no cotidiano, em conversas informais, em propagandas de televisão, nas brincadeiras das crianças, nas pichações dos banheiros, nos bilhetes trocados, etc. Ao dialogar sobre gênero e sexualidade nos espaços escolares problematizamos atitudes preconceituosas e propomos desnaturalizar a violência contra as diferenças.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada nesse estudo pode ser classificada como: um estudo de caso e a pesquisa bibliográfica. O método de estudo de caso segundo Gil (2008, p.58) é “caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”. O estudo de caso pode ser utilizado em pesquisas exploratórias e em pesquisas descritivas e explicativas.

Dessa maneira, uma escola do Município de Campo Mourão foi selecionada para a exibição das mídias que abordavam os temas gênero e sexualidade, foram exibidos dois curtas metragens para nove participantes, todas mulheres, sete professoras e duas funcionárias de uma escola municipal da cidade de Campo Mourão. Cada curta metragem falava sobre um assunto que se relacionava com o tema gênero e sexualidade, foram exibidos os curtas metragens, “Acorda Raimundo”, que evidencia que não é a simples inversão dos papéis do homem e da mulher que resolveria o problema da desigualdade de gênero (Dirigido por Alfredo Alves e lançado em 1990). “Era uma vez uma família”, desenho animado que não apresenta falas, mostra a história de uma família e os desafios cotidianos que as famílias enfrentam no cuidado e na educação dos filhos. (Direção: ECOS, 2006).

O local das apresentações dos curtas foi na escola em que as participantes trabalham, com a duração de 1 hora e 30 minutos, foram aplicados dois questionários, um referente ao curta “Acorda Raimundo” e outro ao vídeo “Era uma

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



vez uma família”. No decorrer deste artigo faremos uma análise referente à exibição dos curtas “Acorda Raimundo” e “Era uma vez uma família”.

Questionário 1. Vídeo “Acorda Raimundo”,

Questão 1. Em sua escola são contempladas as trajetórias das mulheres, da população negra, de indígenas e demais minorias? Sim () ou não ()?
Questão 2. quais espaços? E de que maneira?
Questão 3. Como você analisa as políticas de diversidade étnica, racial e de gênero nas escolas ?
Questão 4. Quais ações sua escola tem proposto para essas políticas ?
Questão 5. Como você analisa a utilização das mídias que abordam a diversidade ?
Questão 6. Você as utilizaria em sua sala de aula ? por quê?
Questão 7. Quais suas impressões e sentidos acerca do filme abordado hoje ? Por quê?
Questão 8. Em sua opinião quais os limites e possibilidades da mídia para o trabalho com a diversidade na escola? Quais contribuições essa ferramenta pode oferecer à gestão escolar?

Fonte: as pesquisadoras

Questionário 2 – “Vídeo Era uma vez uma família”

Questão 1. A sua família é constituída atualmente por pai, mãe, filhos e filhas que moram em uma mesma casa? Sim () ou não ()?
Questão 2. Quais são os integrantes?
Questão 3. A família de seus alunos e alunas é constituída atualmente por pai, mãe, filhos e filhas que moram na mesma casa? Sim () ou não ()?
Questão 4. Você acredita que a escolar tem acompanhado os desafios contidanos que pais, mães, cuidadores/as e responsáveis enfrentam na criação e educação dos filhos? Sim () ou não ()?
Questão 5. Sua escola aborda a diversidade de Famílias? Sim () ou não ()?
Questão 6. Como você analisa a utilização das mídias que abordam a diversidade da família e crianças ? muito boa () regular () ruim () muito ruim ().
Questão 7. Você as utilizarias em sala de aula ? Por quê?
Questão 8. Quais suas impressões e sentidos acerca do filme abordado hoje? Por quê? a) Muito boa, retrata a realidades dos alunos .
Questão 9. Na opinião de vocês qual vídeo representa a maioria das famílias dos/as alunos/as de sua escola?
Questão 10. Em sua opinião quais os limites e possibilidades da mídia para o trabalho com a família e a diversidade na escola?

Fonte: as pesquisadoras

REVISÃO DE LITERATURA E ANÁLISE DOS DADOS

Utilizamos os curtas para discutir e analisar a representação social das educadoras¹. Sobre o vídeo “Era uma vez uma família” indagamos como era constituída a família das educadoras, e seus integrantes. Cinco das oito educadoras

¹ Nomeamos as participantes da pesquisa, tanto as docentes, quanto as funcionárias como educadoras, pelo papel que desenvolvem na instituição escolar.

Realização:

Apoio:



que responderam disseram ter a família constituída por pai, mãe, e filhos, considerada família tradicional. Uma docente respondeu que sua família é constituída apenas por mãe e filhos, então a partir disso identificamos dois tipos de famílias dando origem assim diversidade familiar. Foi questionado se a escola aborda a diversidade de famílias: seis das educadoras responderam que sim, uma disse não e a outra não soube responder. Outra questão presente no questionário era “A família de seus alunos e alunas é constituída atualmente por pai, mãe, filhos e filhas que moram na mesma casa?”. Três das educadoras responderam que sim, quatro responderam que as famílias de seus alunos/as não são constituídas por pai, mãe, filhos e filhas, e uma não respondeu. Outra questão que estava no questionário “Era uma vez outra família” era : sua escola aborda a diversidade de Famílias? Seis das educadoras disseram que é abordado, uma disse que não, e outra não respondeu.

Biroli (2014) argumenta que a noção de família está diretamente ligada a afetos e sentimentos, de diversos tipos, e que as experiências de relações familiares são únicas, íntimas e fundamentais para as nossas identidades. “A família se define em um conjunto de normas, práticas e valores que têm seu lugar, seu tempo e uma história. É uma construção social, que vivenciamos” (BIROLI, 2014, p.07).

Ainda de acordo com Biroli (2014), as pessoas estão se casando mais tarde especialmente as mulheres, se separam com mais frequência, têm menos filhos, conseqüentemente as crianças estão crescendo em famílias e ambientes domésticos que estão longe de ser a família considerada padrão. E ao mesmo tempo a autora destaca as famílias que são constituídas por casais sem filhos, família formada por uma só pessoa, e famílias de casais homossexuais, etc.

Para Palma e Strey (2015), as famílias brasileiras têm se modificado ao longo dos anos, e essa mudança tem sido acompanhada pelas transformações sociais em diversos países norte-americanos e europeus. Por muitos anos o modelo “normal” de família era um casal heterossexual, branco e burguês. Mesmo ocorrendo mudanças no modo de compreender a representação social de família há uma pressão social para considerar o modelo hegemônico. As famílias constituídas por dois pais ou duas mães são uma realidade na sociedade brasileira, assim como em diversos países do mundo. A instituição família se transformou, logo, outras

Realização:



Apoio:



instituições sociais precisam se modificar também e a escola é uma delas. A escola começa a viver e conviver com crianças de diferentes modelos de família, famílias constituídas por casais homossexuais, famílias tradicionais, famílias diversas.

Do mesmo modo que ocorrem avanços, ocorrem retrocessos, devido aos preconceitos que estão impregnados em nossa sociedade. Em matéria publicada no Portal de notícias da Globo² chamou atenção para o tema da diversidade de famílias na escola. Nesse contexto, livros didáticos foram proibidos por apresentar em algumas páginas casais de união homoafetiva. A prefeitura de Ariquemes (RO) mencionou que páginas com casais seriam suprimidas. “Em um livro de história do 2º ano, uma imagem conta a história de Theodora e seus pais, Vasco e Dorival o primeiro casal de união homoafetiva a adotar uma criança no Brasil, em 2006”. Cada vez mais estudantes oriundos/as de famílias diversas têm chegado nos espaços escolares que precisam se adequar a essa realidade.

Em um livro de geografia do 3º ano, o material indica a leitura ao aluno sobre um texto de um casal homossexual que adotou uma criança com necessidades especiais [...]. Já em um livro do 1º ano, um exercício leva aos alunos completar as legendas das fotografias escrevendo o número de pessoas de cada família, entre as imagens, está a de uma família formada por dois pais e uma criança”. (CARLOS, FERREIRA, G1, 2007, s/p).

A decisão de retirar as páginas do livro partiu do prefeito e dos vereadores, todavia, o Ministério Público informou que os livros não tratam de “ideologia de gênero”³, e sim sobre a diversidade familiar, e se os livros não forem utilizados isso poderia incentivar o preconceito e o ódio aos casais homossexuais. De acordo com a notícia, foram colocados em algumas páginas dos livros, fotos de casais *gays* que adotaram crianças para explicar aos/às estudantes as diferentes famílias que estão sendo formadas, e isso gerou muita repercussão. Observamos que houve avanços, pois, em um livro didático foi abordada a diversidade familiar, mas retrocessos, devido a algumas autoridades não concordarem e não aceitarem que a temática

² Disponível em : <http://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/2017/01/mp-divulga-livros-didaticos-proibidos-em-escolas-por-ter-uniao-entre-gays.html>

³ Cabe destacar que o termo “Ideologia de Gênero” tem sido utilizado no senso comum com o intuito de menosprezar e desarticular as discussões de gênero produzidas pela academia e pelos movimentos sociais.

Realização:

Apoio:

seja trabalhada em sala de aula por ignorância, achando que o assunto pode influenciar a identidade sexual e de gênero da criança.

No que diz respeito a presente pesquisa, a maioria dos professores respondeu que abordam a diversidade familiar, o que nos faz indagar: abordam de que maneira? Quais são os tipos de famílias que são mencionadas? Falam sobre as famílias constituídas por casais homossexuais? As estruturas familiares vêm se modificando por meio do tempo e das lutas sociais, e é necessário que a escola considere esse fato e trabalhe com atividades em sala que contemplem a diversidade das famílias, mas ainda observamos que existem muitos tabus quando o assunto é gênero, sexualidade e diversidade de famílias na escola, docentes e funcionários/as ficam com receio em falar e ainda ficam com medo das reações dos pais, mães e/ou responsáveis.

A escola pode ajudar muito os alunos e familiares a lidar com a diversidade e, principalmente, dar apoio para famílias com uma formação diferente. Para que isso aconteça de forma efetiva é necessário que professores/as e funcionários/as estejam convencidos/as de que diferentes relações familiares são válidas. Deixar esse assunto de lado, pode causar rejeição de estudantes por colegas que não convivem em uma estrutura familiar hegemônica. Uma das maneira de abordar o tema em sala de aula é apresentar o assunto de modo natural e nítido, fazendo a criança compreender que se ela tem um pai e uma mãe, seu amigo pode ter uma família com outra configuração: dois pais, sua amiga duas mães, outra colega pode ter sido criada pela vó, compreendendo que existem outras formas de família além da que ela participa.

Palma e Strey (2015) nos diz que a escola é um ambiente que tem o objetivo de formar os indivíduos, e a maneira que os diversos assuntos e temas são tratados nesse ambiente vão influenciar diretamente a ação do indivíduo, pois, a escola e os seus representantes estão entre as maiores referências presentes na vida das pessoas, por isso é necessário que os/as educadores/as falem de diferentes assuntos com seus alunos/as possibilitando a desconstrução de preconceitos. Tanto a escola, como a família como os meios de comunicação, influenciam o modo de pensar e agir das pessoas. Louro (1997, p.64) argumenta alguns aspectos sobre a escola, ao mencionar que:

Realização:

Apoio:



currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *lôcus* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas "críticas"). Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.

No questionário referente ao primeiro vídeo apresentado, "Acorda Raimundo", havia duas questões relacionadas à utilização das mídias, "Como você analisa a utilização das mídias que abordam a diversidade? Você as utilizaria em sala de aula? Por quê?". Seis educadoras responderam "muito bom", três compreenderam como "regular". "Sim, para maior esclarecimento." "Sim, com turmas de sextos anos em diante". "Sim, porque a diversidade faz parte da nossa trajetória." "Caso venha trabalhar com esse tema a ser abordado." "Sim, é uma metodologia que os alunos entendem bem." Quatro educadoras não responderam.

Consideramos a mídia como um recurso que pode contribuir para que educadoras e educadores abordem diversos temas levando em consideração a grande influência que a mídia tem sobre as crianças, adolescentes e adultos. Pensando no tema gênero e sexualidade no ambiente escolar a mídia pode auxiliar o/a professor/a a entrar na discussão da temática, possibilitando diálogos, conversas com os/as alunos/as, ações educativas, dentre outras atividades.

Siqueira (2006) argumenta que as rápidas transformações pelas quais a sociedade moderna vem passando está causando uma desestabilização sobre as estruturas, as instituições e sobre os indivíduos, que estão perdendo os seus referenciais seguros que os proporcionava uma instabilidade no mundo social. Podemos observar que as transformações que são geradas pelos meios de comunicação de massa na sociedade moderna têm grandes influências nesses deslocamentos, como explicitado a seguir.

Realização:



Apoio:



Aspectos da vida pessoal dos indivíduos são influenciados pelos discursos da mídia, que integram os sistemas de poder da sociedade atual [...]. Quem sou eu? Como posso me relacionar com o/a outro/a? Que papéis devo assumir na sociedade? Como e em que posso me modificar? A história de quem somos e de como chegamos onde estamos, vai assim se tecendo na interação com o mundo externo, do qual participam hoje, de forma essencial, os meios de comunicação de massa (SIQUEIRA, 2006, p. 129).

É possível notar que a mídia tem um papel fundamental na formação dos indivíduos da nossa sociedade moderna, os meios de comunicação influenciam cada vez mais o modo de viver das pessoas e o modo de agir, muitas vezes estabelecendo padrões de como os indivíduos devem ser e pensar. Músicas, filmes, novelas entre outros, podem influenciar diretamente o modo de agir e pensar dos indivíduos, podendo estabelecer padrões a ser seguidos, e normas de comportamentos.

Segundo Siqueira (2006, p.132), “desde o início da Idade Moderna, com a invenção da imprensa, a mídia passa a ter influência sobre a configuração social dos indivíduos; mas, é na sociedade contemporânea, com as novas tecnologias de comunicação, que essa influência se faz mais marcante”. E assim como a mídia, “a escola delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (LOURO, 1997, p.58).

Louro (2000) argumenta que o cinema, por exemplo, pode contribuir para a formação dos indivíduos. Nesse viés percebemos que a escola e a mídia podem também ser espaços de problematizações acerca de gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas. Para Fischer (1997, p. 61) há um “estatuto pedagógico da mídia” que não apenas veicula, mas constrói discursos e produz significados e sujeitos, nessa direção considera a sistematização do “estatuto da mídia não só como veiculadora, mas também, como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função nitidamente pedagógica” (FISCHER, 1997, p. 63).

Para Felipe (2000), a velocidade com que estão emergindo novas tecnologias tem possibilitado a meios midiáticos, educar e auxiliar na construção de identidades de meninos e meninas, jovens e adultos. Levando isso em consideração a mídia se

Realização:



Apoio:



tornou, nas últimas décadas, uma poderosa instância de produção do conhecimento. Os discursos veiculados pela mídia acionam poderosos efeitos de verdade, que podem contribuir significativamente para a construção das identidades dos sujeitos.

Neste sentido, podemos afirmar que a mídia, especialmente a televisiva, pode ser considerada como um espaço educativo, uma vez que produz conhecimentos a respeito da vida, do mundo que nos cerca. Professores/as, educadores/as podem fazer uso das mídias em sala de aula, pois como expressam os/as autores/as supramencionados, a mídia exerce poder, e quando problematizada poder ser utilizada como recuso metodológico na escola, pode ser educativa. Isso vai depender de como o/a educador/a vai usá-la em sala de aula. A escola não pode mais ignorar a mídia e suas influências na formação de opiniões e comportamentos dos indivíduos na sociedade atual. Lopes et al (2010, p.7), nos diz que:

Professores e escola devem posicionar-se enquanto agentes mediadores entre os conteúdos dos meios de comunicação e o processo de recepção dessas mensagens pelos estudantes e criar formas de resposta. A escola é um espaço de apropriação da mídia e deve se posicionar como um local de intensificação da reflexão crítica sobre os meios de comunicação, e assim possibilitar e ampliar os espaços de produção e de difusão de novos modos de significar o mundo, utilizando as mesmas tecnologias.

Com relação a mídia, meios de comunicações e ambiente escolar, Girardello e Orofino (2012), salientam a impossibilidade de se pensar o ensino fundamental desconsiderando o papel das mídias, que são reconhecidas também por alguns dos principais documentos políticos nacionais, dentre eles, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, que em seu artigo 5º destacam que os professores devem estar aptos a relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos. Para os/as autores/as, na última década, o Brasil teve um aumento muito significativo na comunicação, mídia e consumo de tecnologias de comunicação e informação, em especial a aquisição de telefones celulares e de computadores de uso pessoal. O número de escolas com acesso à *internet* vem aumentando cada vez mais.

Retomando os dados da pesquisa, as educadoras responderam ao questionário do vídeo “Acorda Raimundo” que em sua escola não são contempladas

Realização:



Apoio:



as trajetórias das mulheres, da população negra, indígenas e demais minorias, isso nos preocupa, pois a mulher vem ocupando cada vez mais espaço na sociedade e é alvo de diversos preconceitos por ser mulher, sempre sendo julgada como inferior, o mesmo ocorre com a população negra e indígena. Ser mulher em uma sociedade de pessoas preconceituosas não é fácil, mais difícil ainda é ser mulher negra ou indígena, pois o preconceito é ainda maior devido as ancoragens históricas que produzimos em nossa cultura. A escola necessita trabalhar com seus alunos e alunas sobre a trajetória das mulheres, a luta delas ao longo dos anos, e o quanto sofreram até chegar onde estão.

“Como você analisa as políticas de diversidade étnica, racial e de gênero nas escolas?” Quatro educadoras consideram ruim, e cinco consideram regular. “Quais ações sua escola tem proposto para essas políticas?”. Quatro das educadoras responderam que a escola tem proposto formações continuadas e reuniões pedagógicas, duas disseram que a escola realiza palestras e discussões com profissionais da educação, e uma menciona vídeos e diálogos. Importante dizer que consideramos nesta pesquisa a temática de gênero, sexualidade, em seus diversos atravessamentos, classe social, raça, etnia, religião, entre outros.

As educadoras, de modo geral consideram que as políticas de diversidade étnica, racial e de gênero nas escolas não são muito boas, as repostas foram apenas ruim e regular, e quando se pergunta sobre quais as ações da escola sobre tais políticas, responderam que a escola, proporciona palestras, formações continuadas e reuniões pedagógicas.

De acordo com Seffner (2011), sobre isso, nos informa que temas relativos a gênero e sexualidade na escola necessitam de docentes com formação específica sobre tais assuntos para não cometer equívocos, por meio de formação continuadas. Os assuntos relacionados a este tema aparecem na sala de aula, na escola de modo imprevisto e para esclarecer dúvidas e assuntos que emergem, os/as docentes precisam estar preparados/as para uma abordagem inicial. Mas, a escola tem que estar aberta a essas questões para proporcionar formações continuadas, palestras, minicursos, debates.

Seffner (2011, p.71), nos diz que

Realização:



Apoio:



convém não perder de vista que a escola tem duas grandes tarefas, a saber: a alfabetização científica e a socialização das crianças e dos adolescentes. As políticas de promoção da diversidade sexual e da equidade de gênero não são políticas para minorias na escola. Em outras palavras, elas não são feitas “apenas” para os meninos afeminados ou mais sensíveis, “apenas” para as meninas que gostam de outras meninas, “apenas” para os meninos e as meninas que optam por modos transexuais. Existe uma vinculação clara entre o respeito à diferença sexual e de gênero e a qualidade das aprendizagens escolares. Políticas de equidade promovem um ambiente escolar mais sadio para todos e todas, diminuindo preconceitos e situações de baixa autoestima que potencialmente podem afetar qualquer aluno, pois todos nós temos atributos pessoais que podem nos tornar alvo de estigma, gerando tensão social, que diminui as chances de rendimento escolar.

Outra pergunta contida no questionário 1 “Acorda Raimundo” era: “Quais suas impressões e sentidos acerca do filme abordado hoje? “(Acorda Raimundo)”. Porque? Sete das educadoras responderam muito boa, apenas duas responderam regular. Podemos considerar que conseguiram relacionar a história do vídeo com a realidade que tiveram. Argumentaram que, “aborda questões latentes ainda em nossa sociedade”, “é a realidade de muitos lares.” “As mulheres na sociedade atual, está vivenciando essa prática (sic).” “As mulheres hoje na atualidade estão com dupla jornada, ou seja, para ter uma vida melhor”. “Relatou a desigualdade entre homens e mulheres, com relação as responsabilidades.” “Mostrou a realidade de muitas mulheres em nossa sociedade”.

As duas educadoras que responderam que o vídeo era regular mencionaram que “é uma realidade, mas não aceita na maioria das vezes”, “a história ou seja as cenas não despertaram algo muito bom”. Como explicitado no início do texto, o vídeo evidencia a inversão dos papéis de homens e mulheres e mostra que não seria uma simples troca de papéis do homem e da mulher que resolveria os problemas da desigualdade de gênero.

Nas respostas, as educadoras falaram sobre as desigualdades entre homens e mulheres na sociedade, da jornada dupla das mulheres e da realidade vivida por muitas mulheres. Mesmo com os papéis invertidos percebemos o quando a mulher, a dona de casa sofre, e muitas vezes por não trabalhar fora, sofre insinuações de que não faz nada, mesmo cuidando da casa, do marido e dos filhos todos os dias. Ainda as que trabalham sofrem pela dupla jornada, o trabalho fora de casa e os

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



afazerem o ambiente doméstico, isso tudo nos faz pensar nas desigualdades de gênero tão presentes na sociedade.

Segundo Silva (2010), as desigualdades entre homens e mulheres têm diminuído no decorrer dos anos, mas sabemos que ela ainda existe, a relação de gênero constituída entre os mesmos é orientada pelas diferenças biológicas que foram transformadas em desigualdades. O que também propaga as desigualdades entre homem e mulher são os papéis considerados femininos e masculinos, as responsabilidades domésticas ficam na maioria das vezes a cargo das mulheres e não são reconhecidas como trabalho por não produzir valor social, e os homens ficam com a responsabilidade do sustento da família. E mesmo quando a mulher trabalha fora de casa tem uma remuneração menor que a dos homens mesmo exercendo a mesma função, essas desigualdades estão presentes não só no ambiente familiar mais em todas as instâncias da sociedade.

De acordo com Scott *et al* (2009), a escola é um local privilegiado de exercício de discursos pautados nas relações do indivíduo com a sociedade escola, como local privilegiado de exercício de discursos pautados em relações sociais, ela pode ser um espaço de reprodução ou de contestação das hierarquias, e é necessário perceber como isso acontece e planejar ações para combater as desigualdades seja de gênero ou qualquer outro tipo. Os discursos dos professores/as, diretores/as, e a relação professor/a-aluno/a apresentam-se como *lócus* de atualizações da sociedade e nos faz ver perceber a escola como um lugar que tem uma própria configuração de relações de poder. E é por isso que os/as educadores/as devem traçar estratégias para repensar as desigualdades, e com diálogo e reflexões, fazer conscientizações de suas várias formas de expressão e implicações para os grupos situados em posições diversas, frequentemente marginais, não somente na escola, mas também fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa foi possível constatar que é preciso trabalhar mais gênero e sexualidade nas escolas. Em diálogos com as educadoras observamos que ainda existe muito receio em falar sobre assuntos que tratam sobre a diversidade, seja de gênero ou de raça. O objetivo da pesquisa foi alcançado, pois,

Realização:



Apoio:



conseguimos realizar encontros com educadoras e realizar discussões que envolvia gênero, sexualidade e mídia e com isso mostrar o quanto é necessário conversar, dialogar e debater as dúvidas das educadoras e seus/suas alunos/as, para que isso futuramente contribua para que estudantes se tornem adultos sem preconceitos, e que saibam conviver com as diferenças.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Jeferson. FERREIRA, Ana Cláudia. **MP divulga livros didáticos proibidos em escolas por ter união entre gays**. <http://g1.globo.com/ro/ariquemes-e-vale-do-jamari/noticia/2017/01/mp-divulga-livros-didaticos-proibidos-em-escolas-por-ter-uniao-entre-gays.html>. Acesso em 01 de maio de 2017.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.

FRANÇA, Fabiane. F. **Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com educadoras**. Tese de doutorado, p. 187. Universidade Estadual de Maringá, 10 de março de 2014.

GIROUX, Henry A.; McLAREN, Peter. **Formação do professor como uma contra-esfera pública**: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: SILVA, T. T. da;

GIRARDELLO, Gilka. OROFINO, Isabel. **Crianças, cultura e participação: um olhar sobre a mídia-educação no Brasil**. comunicação, mídia e consumo, São Paulo. vol. 9 n. 25 p. 73-90 ago. 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/312/pdf>. Acesso: 09 de março de 2016.

GIROUX, Henry. **Atos impuros**: a prática política dos estudos culturais. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HENNIGEN, Inês. GUARESCHI, Neusa.M.F. **Os Lugares de Pais e de Mães na Mídia Contemporânea**: Questões de Gênero. Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology - 2008, Vol. 42, Num. 1 pp. 81-90.

LOPES. Mariana Ferreira. Et al. **A práxis da mídia-educação na resignificação da escola como agente de mediação**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

LOURO, Guacira Lopes. O cinema como pedagogia. In: **500 anos de educação no Brasil**. ORG. LOPES, Eliane Marta Teixeira. FILHO, Luciano Mendes de Faria. VEIGA, Cynthia Greive. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

Realização:

Apoio:



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 9ª. ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Palma, Y. A. y Strey, M. N. (2015). **A relação família e escola: a diversidade familiar compondo o contexto escolar**. Revista de Psicologia, 1-17, 2015.

SABAT, Ruth. **“Pedagogia cultural, gênero e sexualidade”**. Revista Estudos Feministas, ano 9, p. 9-21, 2001. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>>. Acesso em:
02 set. 2015.

SCOOT, Parry et al. **Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para formação docente**. Editora universitária, Recife, 2009.

SEFFENER, Fernando. **Um bocado de sexo, pouco giz, quase nada de apagador e muitas provas: cenas escolares envolvendo questões de gênero e sexualidade**. Revista: Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.

SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. **SEXUALIDADE, GÊNERO E EDUCAÇÃO: a subjetivação de mulheres pelo cinema**. Educação x Realidade, p.127-144, jan/jun. 2006.

Vídeo “Acorda Raimundo” disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OmFvs5p8ZOo>.

Vídeo “Era uma vez uma família” disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=quCy1Kclzzo>.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate the relationship between media, education, gender and sexuality in the perspective of Cultural Studies. For this, was questioned: how to elaborate forms of pedagogical intervention with teachers using medias that approach the questions of gender and sexuality? The methodology used to carry out this research was the case study and the bibliographical research (GIL, 2008). In the course of this research two short films were shown: 1) Wake up Raimundo 2) Once upon a time there was a family. The videos were screened in two meetings with the participation of nine educators, seven teachers and two employees. In the sequence, discussions and application of two questionnaires were carried out. The place of the presentations of the shorts film was in a municipal school of the city of Campo Mourão in which the participants work, with the duration of 1 hour and 30 minutes. The interest in working with teachers and employees of the institution was born out of the curiosity to investigate how their social and individual representations are, and with that to have a dialogue about their opinions and perceptions of the topics listed in the videos, with the intention of rethinking ways of working In the classroom the themes in focus.

Key words: Education; Sexuality; Gender; Media;

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação

